

LEIA MAIS: Vagas para os 50+ • Gastronomia é cultura • Tragédia anunciada na Serra

# francisca<sup>45</sup>

UMA NOVA MANEIRA DE LER JOINVILLE • FEVEREIRO 2024



## A JOINVILLE DA PRIKA

A cidade que faz aniversário em 9 de março tem inúmeras facetas, da “zica” ao JEC, da Rua das Palmeiras à Sociedade Harmonia Lyra, centenário templo da cultura local; confira algumas “caras” da cidade em inspirados textos de convidados da revista

Prika Lourenço, cantora, atriz, produtora – e apaixonada por bicicletas desde a primeira infância



**Meu  
negócio  
sempre  
online**

## **NOSSAS SOLUÇÕES**

- Hospedagem Cloud
- Servidor Cloud
- Revenda Cloud
- Registro de Domínio
- Site Gerenciável
- Loja Virtual
- Google Ads
- Pacote para Mídias
- E-mail Marketing
- Google G Suite
- Atualização de Conteúdo



[www.joinvix.com.br](http://www.joinvix.com.br)

 47 3433-5066

## Das palmeiras, do JEC, da zica. De todas e todos

Falar da magnitude econômica de Joinville é quase chover no molhado – às vezes, literalmente. Uma das principais cidades do Sul do país, maior PIB de Santa Catarina, destino natural para tantos eventos corporativos, Joinville também é lar. Um lar aconchegante, de variadas faces, de democráticas vertentes, de multicolorida cútis. Mas é, de outra parte, um problemático espaço urbano, em que convivem todas as mazelas sociais presentes no Brasil afora. Embora, na maioria das vezes, segregadas a bairros periféricos.

A utópica cidade de olhos azuis se apresenta, hoje, em suas duras nuances. Incentiva, por exemplo, o saudável uso da bicicleta, mas não disponibiliza ciclovias suficientes. Quer ter um “ar europeu”, mas não enxerga os moradores de rua, espalhados pelo centro e pelos bairros. Como reflete a jornalista Albertina Camilo em seu texto sobre a escritora e ativista Marlete Cardoso: “Quanto mais tentamos esconder nossas sombras, mais elas nos encaram, tiram nossas máscaras, escancaram nossas miudezas e nos envergonham”.

A Joinville de luzes e sombras se revela no eterno paradigma urbano: crescer, a qualquer preço, ou resolver as pendências de infraestrutura para oferecer mais dignidade à vida? E há a Joinville das artes plásticas, da dança, da música. Da cidadania reconquistada a duras penas pelo trabalho, pela diária luta de tantos novos cidadãos.

Nossas várias caras são representadas pela Prika Lourenço – cantora, compositora, produtora cultural, apaixonada por bicicletas desde a primeira infância, que narra, no especial desta edição, suas peripécias no pedal. Também pelo jornalista Rubens Herbst, que percorreu a história da Sociedade Harmonia Lyra, nosso ícone cultural. Pela advogada e militante das causas femininas e raciais Ana Paula Chaves, que alerta para a urgência de a cidade oferecer mais segurança às trabalhadoras que precisam cumprir expedientes e transitar na madrugada.

A Joinville dos cartões postais aparece em artigo da jornalista e escritora Maria Cristina Dias – em que aborda uma rua com a “cara” de Joinville, em torno das imponentes palmeiras da Alameda Brüstlein. A cidade que tem no JEC seu mais importante símbolo esportivo diz presente em artigo do jornalista Anildo Jorge, que atuou por longos anos na cobertura do clube. E por aí afora.

Um breve, mas simbólico retrato da Joinville que reverencia seu passado, mas olha para frente.

### Você vai ler

**4** A história do “lambe-lambe”

**6** Inflação está mais comportada

**8** A inclusão dos 50+ no trabalho

**10** Tragédia anunciada na Serra Dona Francisca

**12** Símbolos e faces da cidade aniversariante

**24** Projeto desvenda origens da gastronomia germânica

**26** A memória de Joinville nas letras de Rubens da Cunha

**francisca** Número 45. Fevereiro de 2024

Cidadania, cultura, empreendedorismo, lazer, negócios, responsabilidade social. Jornalismo de qualidade para uma cidade de excelência.

**Jornalista responsável:** Guilherme Diefenthaler (reg. prof. 6207/RS) • **Editora:** Ana Ribas Diefenthaler • **Conselho editorial:** Ana Paula Chaves (Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres), Rubens Herbst (jornalista), Geraldo Lion (Expectv), Letícia Ribas Diefenthaler Bohn (Univille), Donald Malschitzky (escritor), Lizandra Carpes (CDH) • **Design e diagramação, gráficos e ilustrações:** Fábio Abreu • **Publicidade e assinaturas:** (47) 98403-2745 • **Digital:** Joinvix • **Foto de capa:** Arquivo pessoal

**E-mail**  
redacao@revistafrancisca.com.br

**Site**  
revistafrancisca.com.br

**Facebook**  
facebook.com/revistafrancisca

**Instagram**  
@revistafrancisca



A capa do livro de Jorge Pedroso e seu personagem, em atividade na Praça XV, da capital gaúcha

## LITERATURA

### A história do “lambe-lambe” de Porto Alegre

Quem é gaúcho – e a comunidade sul-rio-grandense em Santa Catarina não é pequena – vai se lembrar de uma imagem que é ponto identitário da capital Porto Alegre. O Chalé da Praça XV, com mais de 100 anos de história, é o palco em que sobem o jornalista Jorge Pedroso, porto-alegrense radicado em Jaraguá do Sul, e o fotógrafo Varceli de Freitas Filho, considerado o último “lambe-lambe”, termo como era conhecido o fotógrafo de praça, presente por mais de 50 anos no lugar.

O livro “O Desaparecimento do Lambe-Lambe de Porto Alegre”, lançado neste início de ano, nasceu de uma despretenhosa conversa de bar entre o jornalista e seu cunhado Luis Clei Rosa, em 2006. Os amigos almoçavam no restaurante do Chalé, quando surgiu o fotógrafo, oferecendo serviços. “Foi meu primeiro contato com ele. Depois disso, quando voltava a Porto Alegre para visitar meus familiares, aproveitava para entrevistá-lo”, lembra Pedroso.

A ideia da publicação partia de um cenário da Porto Alegre de 2010, e o enredo buscava estabelecer uma metáfora sobre o fim da atividade de lambe-lambe na cidade, já anunciado pelo próprio Freitas em veículos de comunicação do estado gaúcho. Varceli de Freitas Filho se refere, com certa nostalgia, aos bons tempos e alegrias proporcionadas pela profissão que aprendeu com o pai; conta sobre as dificuldades para se manter como lambe-lambe e como teve que se reinventar, sem perder a essência de seu ofício, numa luta de resistência, pela inevitável convivência com a inovação tecnológica no ofício da fotografia.

“A publicação do livro se fez ainda mais necessária em reconheci-

mento à contribuição de Freitas para a cultura popular de Porto Alegre”, argumenta o autor. “O Desaparecimento do Lambe-lambe” é mais do que uma homenagem; também servirá como fonte de renda, já que será concedida ao fotógrafo metade do valor pago ao escritor como direito autoral da obra impressa e em e-book.

Adiante, o livro de Pedroso avança em outra narrativa ficcional, conduzida por um jornalista investigativo chamado Perdigueiro – que é contratado por um cliente misterioso para investigar o suposto desaparecimento do lambe-lambe. Entre os materiais fornecidos, um pen-drive contendo depoimentos de Freitas. Mas o trabalho, que lhe parecia fácil e rápido, vai se complicando no decorrer das investigações, levantando suspeitas sobre o homem que o contratou. Assim, o jornalista assume dois desafios: descobrir o paradeiro de Freitas e quem é o seu contratante, que se identificou como Edgar Hanta.

O volume foi editado de forma independente pelo autor e pode ser encontrado nas plataformas da Uiclap e da Amazon.

### O autor

Natural de Porto Alegre/RS, Jorge Pedroso reside em Jaraguá do Sul desde 1988. Formado em Comunicação Social/Jornalismo pela PUC/RS, atuou em veículos como Diário Catarinense, Jornal A Notícia, Jornal de Santa Catarina e O Correio do Povo, em Santa Catarina, além de Diário do Sul e Correio do Povo, na capital gaúcha. Também trabalhou em assessoria de imprensa na Weg S/A e na prefeitura de Jaraguá do Sul, onde ingressou como servidor público municipal (no setor de Comunicação) em 1999, até se aposentar em 2020.



### Os quatro cavalheiros do Chá de Cevada retomam o pique do grupo com o "Hora do Choro"

ação marca o retorno das atividades do regional criado em 2007, e que não realiza apresentações há algum tempo. O grupo é formado por Fernando Galetto (cavaquinho), Ney Souza (violão sete cordas), Cláudio Moraes (flauta transversa e saxofone) e Carlinhos Ribeiro (pandeiro).

"O projeto é uma vitrine fundamental para mostrarmos ao joinvilense o chorinho brasileiro", empolga-se o fundador do grupo, Cláudio Moraes. O cavaquinista Fernando Galetto ressalta a conexão que a música produz, nestes ambientes de correria e estresse. "É legal levar música para espaços públicos onde muitas pessoas têm acesso a um gênero como o choro pela primeira vez. Tem passageiros que param por alguns minutos o que estão fazendo, curtem o momento, e até deixam para pegar o próximo ônibus para aproveitar um pouquinho mais do som", conta.

• MAIS INFORMAÇÕES NO INSTAGRAM: @CHA\_DE\_CEVADA.



## MÚSICA

### Desça do ônibus e curta um chorinho

No mês do aniversário de Joinville, quem passar pelos terminais de ônibus dos bairros Pirabeiraba, Itaum e Guanabara poderá voltar para casa ou para o trabalho inspirado pela boa música. De 1º a 16 de março, nas três primeiras sextas-feiras e sábados do mês, os passageiros vão se encantar com os clássicos deste ritmo genuinamente brasileiro, por conta das apresentações preparadas pelo quarteto Chá de Cevada, no projeto batizado de Hora do Choro.

A proposta é abrir alas para o bom e velho choro junto à comunidade joinvilense, buscando sensibilizar novas plateias e promover o entretenimento, o senso identitário e estético, e a interação por meio da música brasileira. A



**FIQUE POR DENTRO DO QUE ACONTECE EM SÃO FRANCISCO DO SUL E REGIÃO!**

[jornalocorreiosc.com.br](http://jornalocorreiosc.com.br)
 Jornal O Correio SC
 47 99172-6939
 @jornalocorreiosc



## ECONOMIA

# E a inflação voltou à meta

**Uma leitura sobre o real impacto dessa condição no bolso e no cotidiano das pessoas**

**Fabiano Dantas, Rian da Silva Gomes e Gustavo Danilo Guimarães**

ESPECIAL PARA FRANCISCA

Depois de três anos, a inflação no Brasil voltou a fechar o ano, em 2023, dentro da meta estipulada pela autoridade monetária do país. Mas qual a importância disso? A meta de inflação é o instrumento utilizado para controle e acompanhamento da economia nacional. São feitas avaliações que levam à escolha das políticas que serão adotadas pelo governo para conduzir a economia no ritmo desejado, influenciando nível de taxa de juros, criação de empregos, possibilidade de crescimento, entre outros aspectos.

A inflação é o aumento generalizado dos preços, ou seja, o encarecimento de todos os bens e serviços negociados, desde alimentação até itens de material de construção ou serviços de beleza, e é importante para entender o comportamento da economia. Apesar de a inflação de 2023 ser inferior à de 2022 – 4,62% a 5,79% –, não quer dizer que os preços diminuíram, mas sim que a velocidade em que subiram foi menor.

No Brasil, o cálculo para o índice de inflação é medido em 16 regiões, e contempla nove grandes grupos de produtos: alimentação e bebidas, habitação, artigos de residência, vestuário, transportes, saúde e cuidados pessoais, despesas pessoais, educação e comunicação. Dentro de cada um desses grandes grupos estão os produtos em si, cada um com o peso estipulado segundo seu consumo pela população brasileira. Com relação às localidades estudadas, temos uma relação interessante: seis das 16 regiões definem 75% da inflação do país – Curitiba, São Paulo, Salvador, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, cidades muito populosas e que detêm boa parte da renda nacional.

## Sobe-e-desce

Olhando para 2023, foi possível perceber aumentos significativos em educação (8,24%) e transportes (7,14%). Em educação, desponta o mês de fevereiro: um único mês teve aumento de 6,08%, por conta do reajuste anual das mensalidades. Já nos produtos em valores anuais, os maiores são jornal diário (20,44%) e revista (14,46%). Transporte foi influenciado pelo aumento da gasolina (12,09%) e emplacamento e licença (21,22%). Outro grupo que computou majoração foi o de saúde e cuidados pessoais (6,58%).


Comentando os grupos que tiveram menores variações no IPCA, encontramos alimentação e bebidas, com variação de 1,03%, e vestuário, aumento de 2,92%. Alimentação e bebidas registrou a menor variação para o grupo desde 2017, e o índice foi influenciado pela queda nos preços da alimentação em domicílio (-0,52%), com ênfase em óleo de soja, frango em pedaços e carnes. Já o grupo vestuário foi influenciado pela queda nos preços de vestido, e dois itens infantis contribuíram para uma desaceleração na variação de vestuários: bermuda/short infantil e camisa/camiseta infantil.

Apesar de a inflação ter fechado o ano dentro do intervalo de tolerância da meta, pode haver tendência de aceleração, já que em

dezembro o índice foi maior do que em novembro. Isso só reforça um dado que muitos economistas apontam: o acompanhamento da inflação é algo contínuo e deveria interessar a todos, pois o poder de compra da população é reduzido em ambientes inflacionários, e para os mais pobres seu impacto é ainda mais avassalador.

Como extrapolar essas informações para o cenário local? E o que esperar para 2024? Como a área de abrangência do IPCA não contempla o estado, é preciso usar outras pesquisas para se observar o que realmente se passa por aqui. Pode-se utilizar as pesquisas do Procon de Joinville para a cesta básica (na verdade, uma cesta de consumo de alguns alimentos, produtos de limpeza e de higiene pessoal) e para os combustíveis. Apenas para conferir se o comportamento é parecido com o apresentado pelos mesmos grupos no IPCA. No caso da cesta básica, houve redução de 3,42% no preço médio da cesta. Em dezembro de 2022, a cesta custava R\$ 306,62, ante R\$ 296,13 no mesmo mês de 2023. Comportamento em linha com o IPCA, já que o grupo de alimentos e bebidas teve a menor variação de todos os grupos. No caso dos combustíveis, o preço médio da gasolina comum registra, no ano, aumento de 15,89% (de R\$ 4,97 para R\$ 5,76), também parecido com o apontado no IPCA, que tem o grupo de transportes como um dos que mais subiram, e influenciado, principalmente, pelo preço da gasolina.

Como os preços mais comportados podem ajudar no cenário de 2024? Uma economia com maior estabilidade facilita o planejamento. Quanto mais estável o comportamento dos preços, maior a capacidade de projetar custos e receitas. A estabilidade de preços tende a influenciar as taxas de juros para baixo, o que auxilia, e muito, para turbinar os investimentos – ponto fundamental em uma economia fortemente baseada na indústria, como a nossa. O olhar deve ser sempre atento para o comportamento dos preços, mas, pelo menos neste início de ano, há expectativas de bons ventos.

• Fabiano Dantas, professor, e Rian da Silva Gomes e Gustavo Danilo Guimarães, estudantes de Economia da UniSociesc 



**DELICIOSO  
BUFFET**

**CASA  
DO  
CAPITÃO**  
Gastronomia  
& Eventos

047 99272-2550  
RUA SAGUAÇU - 212



## Muito além dos estereótipos

### Desmistificar a contribuição dos 50+ no trabalho é tornar a sociedade mais inclusiva para todos

Mórris Litvak e Mariana Baima

ESPECIAL PARA FRANCISCA

Em 2022, um homem de 45 anos compartilhou, em seu LinkedIn, o caso de etarismo que sofreu em processo seletivo para uma vaga de emprego. Ao enviar currículo para o RH, recebeu como resposta, via e-mail, uma mensagem dizendo que havia “passado da idade” para a vaga de auxiliar de estoque em uma empresa da Grande Florianópolis. O caso repercutiu nas redes sociais, e a postagem, hoje deletada, produziu mais de 13 mil curtidas, 3 mil comentários e 300 compartilhamentos. A vítima recebeu apoio de outros profissionais que já haviam sofrido preconceito em relação à idade na hora de procurar trabalho.

O etarismo, discriminação baseada na idade, afeta os indivíduos em âmbitos pessoais e profissionais e representa o desafio para a sociedade de se tornar cada vez mais inclusiva para todas as idades. O mais recente levantamento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), conduzido no segundo semestre de 2023, constatou que, dentre os mais de 108 milhões de indivíduos integrantes da força de trabalho no Brasil, aproximadamente 23,5 milhões têm 50 anos ou mais. Na Região Sul, o número chega a 25 mil. Desses, a taxa de desemprego chegou a 5% na região e a 8,8% no Brasil todo.

Em nível global, estudos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Banco Mundial sinalizam que o etarismo não é apenas um desafio social –

em que uma a cada duas pessoas no mundo já discriminou idosos –, mas também uma questão econômica crítica. Esse grupo, que traz consigo uma riqueza de experiências e habilidades, muitas vezes encontra barreiras significativas no mercado, e as empresas e sociedades que não reconhecem o valor dos trabalhadores mais experientes podem estar negligenciando um recurso valioso, ao mesmo tempo em que perpetuam estereótipos prejudiciais. O crescente número de brasileiros da faixa etária aptos ao mercado indica uma necessidade de adaptação das empresas para promover a empregabilidade desses profissionais.

### O pioneirismo do Fort

É o caso do Grupo Pereira, da marca de atacarejo Fort Atacadista, que começou suas operações por Joinville e se tornou o pioneiro no setor ao conquistar o selo Certified Age Friendly Employer (Cafe), da organização norte-americana Age Frien-



dly Institute, representada no país pela Maturi – plataforma voltada à inclusão dos 50+ no mercado de trabalho. O selo atesta as práticas exemplares adotadas pelo grupo no combate ao etarismo e valida as ações em prol do desenvolvimento profissional dos colaboradores acima dos 50 anos.

Até 2023, o Grupo mantinha 12% do quadro com mais de 50 anos, destacando-se da média das companhias brasileiras, que variam de 3% a 5% de colaboradores dessa faixa etária. Pesquisas recentes realizadas pela Maturi em parceria com a EY Brasil revelaram dados importantes sobre o mercado para profissionais 50+. Chama atenção que 90% dos profissionais maduros estão buscando recolocação e 80% se sentem preparados para o mercado, porém a idade tem sido o grande empecilho. Apesar disso, houve queda de 53% nas vagas abertas para esse público em 2023, comparando com o ano anterior. Outro ponto é que cerca de 60% das empresas afirmam ter dificuldades em contratar pessoas acima de 50 anos, mas 91% reconhecem que esses candidatos enfrentam desafios na contratação. Esses dados sugerem a necessidade de maior inclusão e valorização dos profissionais 50+.

Algumas empresas já voltaram seu olhar para o tema e começaram a desenvolver ações efetivas, tirando proveito da diversidade etária. Nos casos de sucesso da Maturi, encontram-se exemplos inspiradores de como diferentes empresas têm abordado a questão. Sobressaem iniciativas como o Programa Credicard 50+, em que a Credicard inovou em seu pilar de diversidade, e a Neon, que, com a ajuda da Maturi, aumentou a diversidade etária no seu time de atendimento. A Kimberly-Clark valorizou seu time sênior para fortalecer a cultura organizacional, enquanto a Johnson & Johnson reestruturou seus valores para abraçar efetivamente a cultura de diversidade geracional. Já a Comgás lançou um programa de contratação e capacitação focado em mulheres 40+. Esses exemplos, além de refletir a diversidade de estratégias para fomento à inclusão etária, também indicam que um ambiente de trabalho que abrace a diversidade geracional pode garantir às empresas uma série de benefícios atribuídos às contribuições dos profissionais maduros. Experiência, habilidades aprimoradas, estabilidade emocional e conhecimento aprofundado do setor são apenas alguns deles.

## Experiência acumulada

Equipes multigeracionais são mais suscetíveis à inovação, produtividade e persistência organizacional. A experiência acumulada garante uma compreensão aprofundada para enfrentar desafios no ambiente de trabalho. Com a bagagem das vivências anteriores, profissionais com mais de 50 anos não só detêm o potencial para exercer uma liderança mais sustentável, mas também, quando devidamente qualificados, moldam um perfil de liderança enraizado na sabedoria adquirida ao longo de seu percurso profissional.

Nos dinâmicos ambientes de trabalho, os profissionais maduros se destacam pela inteligência emocional e pela facilidade em enfrentar problemas, gerenciar crises e lidar com situações adversas. Esses indivíduos exibem grande predisposição à adaptabilidade, atributo que se reflete diretamente na ampliação da produtividade.

Profissionais maduros cultivam uma ética de trabalho distintiva. De sua bagagem, algumas características sobressaem e agregam ao campo

profissional, como pontualidade e responsabilidade, valores fundamentais que contribuem para a construção de um ambiente de trabalho confiável e eficiente. O profissionalismo permeia as interações do profissional maduro, que se destaca ao lidar de forma determinada com desafios, guiados pela resiliência, traço-chave da faixa etária. Os indivíduos com mais de 50 anos valorizam também a colaboração e promovem um ambiente mais colaborativo de forma passiva.

Apesar de profissionais com maior experiência trazerem uma série de benefícios e atributos positivos, ainda enfrentam desafios de permanência e realocação no mercado. O etarismo é movido, principalmente, por estereótipos que sugerem menor adaptabilidade a mudanças e à atualização das tecnologias recentes. A rápida evolução tecnológica demanda esforços adicionais para atualização profissional e intensifica a competição, especialmente com profissionais mais jovens, em diversos setores. O estigma da resistência à mudança pode influenciar a percepção desses indivíduos no ambiente profissional, prejudicando a valorização de suas habilidades e experiências.

Compreender e abordar tantos desafios de forma estratégica e com apoio da liderança é um passo importante para criar ambientes de trabalho mais inclusivos. Reconhecer o valor único que os profissionais mais experientes oferecem às organizações torna-se crucial para ampliar e promover uma cultura de valorização à diversidade de experiências e habilidades no cenário profissional catarinense.

• Mórris Litvak, CEO da Maturi, e Mariana Baima, diretora da Primeira Via Comunicação, parceira da Maturi em Santa Catarina





## MEIO AMBIENTE

# Tragédia anunciada

### Riscos de acidentes com cargas perigosas são conhecidos

**Therezinha Maria Novais de Oliveira**

ESPECIAL PARA FRANCISCA

Nas estradas, é comum observar o derramamento de substâncias tóxicas, vazamento de combustíveis e até mesmo contaminação por resíduos sólidos, que podem alcançar rios, córregos e lagos próximos. Acidentes rodoviários com cargas químicas representam perigo para a fauna, a flora e os recursos hídricos. O derramamento de substâncias químicas, incluindo combustíveis, provenientes de acidentes envolvendo caminhões transportadores, pode contaminar as águas superficiais, infiltrar-se no solo e atingir lençóis freáticos, afetando a qualidade da água que abastece diversas comunidades.

Acidentes rodoviários podem ainda impactar os sistemas de tratamento de água das estações próximas. A água, quando contaminada por substâncias químicas provenientes desses acidentes, pode atingir o manancial de abastecimento de um ou mais municípios, gerando dificuldades para o processo de tratamento e prejudicando o fornecimento de água para a população – situação vivenciada pelo acidente com derramamento de ácido sulfônico na Serra Dona Francisca, no antepenúltimo dia de janeiro.

A temática da possibilidade de acidentes com cargas perigosas e os possíveis danos associados na Serra Dona Francisca é discutida há longo tempo. O Plano Diretor da Bacia Hidrográfica do Rio Cubatão, aprovado em 2006 pela assembleia do então Comitê de Bacias do Rio Cubatão, hoje Comitê Babitonga, e ratificado pelo Conselho Estadual de Recursos Hídricos, já continha, como a ação de número 40: “Prevenção de acidentes rodoviários e capacitação da população para lidar com acidentes rodoviários envolvendo carga tóxica”, no âmbito da Bacia Hidrográfica do Rio Cubatão.

Em 2013, foi aprovado o plano de manejo da Área de Proteção Ambiental Serra Dona Francisca, que engloba a região das encostas da Serra do Mar e Planalto Ocidental, além dos mananciais dos rios Cubatão e Pirai, os quais constituem as principais fontes de abastecimento público do município. Os objetivos de sua criação foram os de “proteger os recursos hídricos; garantir a conservação de remanescentes da Mata Atlântica; proteger a fauna silvestre; melhorar a qualidade de vida das populações residentes através da orientação e disciplina das atividades econômicas locais; fomentar

o turismo ecológico e a educação ambiental e preservar as culturas e tradições locais”, segundo o plano de manejo da APA.

O plano já trazia o seguinte texto quanto ao transporte na região: “A SC-301 apresenta, em seu trecho de serra, condições insatisfatórias de segurança, tanto para os usuários quanto para as propriedades próximas, devido à ocorrência de acidentes, muitos, inclusive, com vítimas. A rodovia é igualmente utilizada por veículos pesados no transporte de cargas perigosas e tóxicas, pondo em risco a qualidade ambiental da região”.

Em 2019, tramitou na Câmara de Vereadores projeto de lei que proibia o tráfego à noite de veículos de transporte de produtos perigosos no trecho da estrada Serra Dona Francisca localizado no município de Joinville, e que foi sancionada no mesmo ano, observando que a problemática já vinha sendo discutida no Legislativo municipal desde 2015. A medida minimizava as ocorrências, mas não eliminava o risco.

Em síntese, os riscos são conhecidos e, sim, ações foram feitas, no entanto, isoladas e pontuais, não conseguindo ser totalmente efetivas. Porém, como toda tragédia acaba sendo pedagógica, espera-se, a partir deste episódio, que o plano de manejo da APA Serra Dona Francisca e os planos de bacias existentes possam ser balizadores para ações concretas e institucionalizadas que deem mais garantias de segurança para os recursos hídricos da mais populosa cidade do Estado.



• Therezinha Maria Novais de Oliveira, professora do Curso de Engenharia Ambiental e Sanitária da Univille, engenheira sanitária e ambiental





# JOINVILLE CONTRA A DENGUE

## Juntos para eliminar o mosquito

A dengue mata! Mas a gente pode impedir. Elimine tudo que deixe água parada. Coloque areia nos vasos e mantenha a caixa d'água fechada. São só 10 minutos por semana para ficar seguro.

Somente juntos vamos vencer o mosquito.

- Coloque areia nos vasos
- Limpe as calhas
- Tampe as caixas d'água
- Não deixe água parada
- Use repelente



**Em caso de sintomas, hidrate-se e procure um posto de saúde.**



Febre alta e manchas vermelhas



Dor no corpo e nas articulações



Dor de cabeça e atrás dos olhos



Mal-estar e falta de apetite



Prefeitura de  
**Joinville**

SAÚDE





Cenas emblemáticas da aniversariante: a secular Rua das Palmeiras, o chineque, o JEC, o Centro e o Musicarium

## ESPECIAL

# As “caras” de Joinville

**Do futebol à zica, faces da cidade múltipla que completa 173 anos em 9 de março**

A maior cidade catarinense ostenta as vantagens de ser quase metrópole – e, ao mesmo tempo, aquele lado bom de preservar características (algumas, que seja) de cidade pequena, ainda que vocacionada à grandeza, como gostam de dizer seus habitantes mais diletos. Assim, embora cultue até hoje o hábito da bicicleta – ou “zica”, para os íntimos –, convive com inarredáveis questões do caótico trânsito urbano que, infelizmente, já não mais privilegia o pedestre, nem o ciclista.

Aliás, com dois textos de colaboradoras convidadas, é este um dos temas da série de reflexões sobre a cidade que você vai conferir nas páginas a seguir. Podemos manter os títulos de cidade das bicicletas, das flores, dos jardins, do povo alegre e musical? E, nesta paisagem utópica, seguem vagando pelas ruas os milhares de sem-empregos, sem-teto, sem-esperança. Os que acreditaram no sonho da cidade grande, litorrânea, progressista, e acabaram se multiplicando em pobreza extrema. Joinville não tem favelas, no sentido lato. Mas assimila, em suas veias, aqueles que não conseguem emergir. Não os associamos ao nosso dia a

dia. Simplesmente cruzamos com eles, pelas esquinas, sem vê-los, como observa outro dos textos.

Joinville é, também, orgulhosamente, a terra do JEC, da Harmonia Lyra e do arrojado Musicarium. A Manchester que respira inovação e é vizinha a praias garbosas, às margens da baía da Babitonga, e onde apreciamos um despretenso passeio pela Rua das Palmeiras, em finais de tarde, depois de degustar um café com chineque.

Viva a Joinville de todas e de todos. De inúmeras faces e face-tas. E de cada um.



Paixão pelo clube fundado em 1976 ultrapassou os campos esportivos

## A cidade e o JEC: uma identidade compartilhada

Anildo Jorge

A partir de 1976, a história de Joinville passou a se entrelaçar com a história do Joinville Esporte Clube (JEC). Uma paixão arrebatadora que ultrapassou os campos esportivos e deu, à cidade e ao clube, uma identidade compartilhada. Essa profunda relação foi aparecendo de forma mais nítida no desenrolar do documentário “JEC 1976 – Nasceu Campeão”, trabalho idealizado e realizado por mim, pelo produtor e repórter cinematográfico Hilton Maurente e pelo editor de imagens Adriano Maio.

No dia em que a cidade comemorava seus 125 anos de fundação, 9 de março de 1976, o JEC foi apresentado oficialmente à torcida em um amistoso com o Vasco da Gama. O estádio do Caxias, ainda chamado de Ernesto Schlemm Sobrinho (só foi transformado em Ernestão em 1977), lotou para prestigiar o novo clube, originado da fusão dos departamentos de futebol de Caxias e América, equipes que dividiam a população em duas paixões.

Na cerimônia que antecedeu o jogo, a conceituada banda do 62º Batalhão de Infantaria foi convidada para tocar o Hino Nacional Brasileiro e o hino da cidade. Só que Joinville ainda não tinha seu hino oficial. A solução foi executar a canção “Cidade das Flores”, que a Rádio Cultura havia encomendado ao poeta e compositor Claudio Alvim Barbosa, o Zininho, para homenagear Joinville.

A sintonia da música com o espírito da torcida foi imediata. A canção passou a ser tocada pelas emissoras de rádio em dias de jogos do JEC e depois, na repetição dos gols. No ano seguinte, em julho de 1977, foi oficializada como Hino de Joinville, conforme decreto do prefeito Luiz Henrique. Bem mais tarde, em 1998, em um concurso, o JEC passou a ter seu próprio hino, “Nasceu Campeão”. Letra de Jeanine Bona e arranjo musical de Luciano Koenig de Castro.

Em 1976, Joinville viveu um crescimento econômico e populacional. A geração de empregos estava em alta. Os novos moradores não custaram a se apaixonar pelo novo time local, que fazia sucesso no Campeonato Cata-

rinense. O JEC então foi escolhido pelos novos habitantes e já estava “adotado” pelos joinvilenses.

O primeiro e multicampeão presidente do Joinville Esporte Clube, Waldomiro Schützler, costumava dizer, de forma ousada, que o clube colocou a cidade no mapa do Brasil. Exagero? Talvez não. A bela performance do JEC garantiu sua presença no Campeonato Brasileiro da Primeira Divisão. No ano seguinte, o clube começou a aparecer nos cartões da loteria esportiva e até a Revista Placar, principal publicação do futebol no Brasil, enviou equipe para contar a história do novo fenômeno do futebol catarinense. A manchete foi sugestiva, “Um passeio de bicicleta”, relacionando a boa fase do clube ao título de Cidade das Bicicletas, orgulhosamente ostentada por Joinville.

Quem viveu em Joinville a partir de 1976, em algum momento, participou ou lembra de algum episódio da história do JEC. Seja batendo os pés freneticamente nas arquibancadas de madeira do saudoso Ernestão para incentivar o time, seja sentado nas cadeiras da Arena, construída há duas décadas em conceito multiuso mas nunca concluída de acordo com o projeto original. Alguém talvez tenha recebido o carnê do JEC Ouro, distribuído pelas empresas entre os anos de 1978 e 1990. Ou quem sabe viveu a ansiedade de uma rodada dos famosos bingões da década de 90, também no Ernestão.

Uma narrativa que transcende a esfera esportiva, confundindo os caminhos entre o clube e a cidade. E, certamente, se orgulham da terra onde há 48 anos seu principal time Nasceu Campeão.

• Anildo Jorge, jornalista, foi editor de esportes do jornal A Notícia

## A “Cidade das Bicicletas” é a Cidade dos Ciclistas?

Prika Lourenço

Na Cidade das Bicicletas, os tantos quilômetros de asfalto são tecidos com histórias de movimento. Em 251,42 quilômetros que compõem a nossa rede cicloviária, veias por onde circula a vida pulsante de uma comunidade que escolheu as duas rodas como símbolo de resistência e esperança, cada curva e cada trajeto são páginas de um livro aberto, escritas por ciclistas que, pedalando, ajudam a desenhá-lo e a definir o destino da cidade.

Certa vez, o jornal “O Globo” descobriu e revelou ao mundo essa dança cotidiana entre homens e suas máquinas de duas rodas. Era a década de 1970, e Joinville se vestia de aço e suor. Nas fábricas, os operários eram cavaleiros de suas jornadas, enfrentando o dragão da rotina com as fiéis bicicletas. Surge então o “bicicletário”, um santuário para essas montarias de metal, um reconhecimento ao papel desses pequenos veículos na vida dos cidadãos.

Jorge Larrossa Bondia falava sobre o “saber da experiência” – e que experiência mais pura poderia haver do que sentir o respiro do mundo com o vento no rosto a cada pedalada? A bicicleta, nessa narrativa, não é apenas um meio de transporte, mas um instrumento de transformação. Democratiza o espaço, esboça novas paisagens urbanas, convoca a uma vida menos acelerada e mais significativa. Há algo de revolucionário em escolher a bicicleta. Ainda assim, a cidade testemunha o embate diário entre o ideal e a realidade. Ciclofaixas se interrom-



Prika é adepta das duas rodas: “A história segue, como uma bicicleta”

pem sem aviso, carros invadem o sagrado espaço dos ciclistas, afora o temor constante do furto.

Nessa trama, emergem associações e grupos dedicados não só ao prazer de pedalar, mas à luta por um espaço seguro e acolhedor. A Associação Pedala Joinville, por exemplo, com sua visão política e seu amor incondicional pelas bicicletas, desbrava caminhos e abre passagem para discussões mais profundas junto ao poder público sobre mobilidade urbana buscando soluções para que Joinville se torne uma cidade sustentável. Ao mesmo tempo, apresenta a cidade sob nova perspectiva: o Circuito de Cicloturismo Dona Francisca, um mosaico de oito rotas que revelam a essência de Joinville.

Novo capítulo se abre com a Pedalise, uma iniciativa que acolhe tanto os novatos quanto os veteranos. Para aqueles que temem a solidão da estrada ou se veem perdidos sobre por onde começar, a Pedalise oferece um espaço de aprendizado e partilha. É um hub de serviços e experiências, no qual a “zica” de cada um se transforma em motivo de orgulho e conexão. Ao cair da tarde, os grupos de ciclistas se reúnem para explorar a cidade e seus arredores. Mais do que simples passeios, os encontros são manifestações de liberdade, momentos de comunhão com a cidade e com a natureza.

Pois Joinville continua a pedalar, nos corações daqueles que acreditam no poder de uma simples bicicleta. Não se trata apenas de uma rede cicloviária que se expande em quilômetros, mas de uma rede de vidas que se entrelaçam, compartilhando a mesma paixão. A história de Joinville segue, rodando como uma bicicleta que conhece seu caminho. É uma história de amor e desafio, de encontrar beleza na luta, de reivindicar cada centímetro de asfalto como um palco para a dança mais humana de todas: a de simplesmente se mover, livre e vivo, sob o céu aberto. E, nessa jornada, cada um de nós, com nossas “zicas” e nossas histórias, somos essenciais para que a cidade permaneça, agora e sempre, a verdadeira “Cidade das Bicicletas”.

• Prika Lourenço é compositora, cantora, atriz e produtora, começou a pedalar aos 2 anos

## Os desafios de pedalar em Joinville

**Flávia Maria Moreira**

Conforme dados da prefeitura de Joinville, a quilometragem das ciclofaixas na Cidade das Bicicletas cresceu quase 20% no último biênio. Mas os ciclistas ainda encaram enormes desafios ao se locomover. Faixas estreitas, vias com buracos, carros que invadem as ciclofaixas ou ciclovias são apenas alguns dos transtornos.

Simone de Andrade, técnica de enfermagem, começou a pedalar em grupo em 2017, e depois se aventurou a ir trabalhar de bike. Em seu último emprego, saía do Vila Nova em direção ao Bucarein. “Ao longo dos nove quilômetros pedalando, passava um aperto. Fiz vários percursos para ver qual era o melhor. Era uma selva de pedra, tinha que desviar de 50 ‘leões’. Muitas vezes descia da bike para empurrar e não me machucar”, revela Simone.

Além de usar a bike para chegar ao serviço, a técnica em enfermagem também puxa pedais nos finais de semana. Ela é uma das administradoras do grupo Pedal Sem Rotina. E, sempre que possível, pedala com o grupo. “Não é amor ao esporte em si, mas amor por tudo que me cerca durante um pedal. Passei a enxergar a vida de outra maneira, agradecendo pelas pequenas coisas que a vida oferece”, admite Simone.

Na década de 1970, a Cidade das Bicicletas não era de todos os joinvilenses, mas dos trabalhadores de chão de fábrica, que, por falta de condição e condução, iam trabalhar pedalando – como lembra Miriam Freitas, professora de yoga. Miriam brinca que “andar de



**Simone usa a zica para ir ao trabalho e nas horas de lazer**

bike na Chuville não é lá tão simples. No trajeto do Centro até o Saguçu, vários carros passam no sinal vermelho. “Alguns motoristas acham que ciclovia é estacionamento, e muitos invadem as faixas para ultrapassar outros carros”, indigna-se.

Mesmo com tantas dificuldades, Miriam usa a bicicleta como principal meio de transporte. Ela relembra que teve sorte de ter ganhado uma bicicleta de Natal quando criança. A família morava em Guarujá (SP), e o pai ia trabalhar de bike. Mesmo grávida, morando na Holanda, a professora seguia pedalando até o hospital para as consultas. Em Joinville, ela faz as compras de feira e mercado de bicicleta.

Já o analista de Sistemas Guilherme Augusto Hock vai trabalhar de bicicleta como forma de economizar e fazer um exercício. Seu trajeto é do bairro Espinheiros até o Bom Retiro. Sai às 7h20 de casa. Primeiro, deixa o filho Miguel na escola perto de casa. Depois, segue para a empresa. “Tem ciclofaixa em 100% do trajeto que faço. Na rua Iriríú, a faixa é muito estreita e não dá para circular duas bikes. Também não consigo ultrapassar outra bicicleta, pois os carros passam perto demais”, comenta Guilherme.

O analista de sistemas confessa que acabou ficando sedentário durante a pandemia. Pedalar foi uma saída para se exercitar. E também é um momento de estar mais próximo do filho, pois gosta de levar o menino para passear pelo bairro.

• Flávia Maria Moreira é jornalista e atua na área de Tecnologia da Informação



Ana Paula Chaves é advogada e se dedica à causa feminina

## Muito a avançar no espaço para a mulher

**Ana Ribas Diefenthaler**

Joinvilense “da gema”, a advogada Ana Paula Nunes Chaves é especialista em direito das mulheres e das questões raciais. Uma cara marcante de Joinville, que escapa, em muito, aos estigmas das imigrações europeias – “mulher preta, mãe, feminista”, como ela própria se identifica. Ana Paula viu a necessidade de estruturar uma equipe e instrumentalizá-la, para atender, especificamente, as questões, dores e, claro, crimes contra mulheres, após um início de carreira em que atendia a todos que a procuravam.

A decisão decorreu de uma situação inusitada, envolvendo um flagrante desrespeito de um colega para com ela – em um caso que desembocou na prisão do profissional. “Percebi o difícil caminho que percorríamos, nós, mulheres, especialmente as negras. Quando fui conversar sobre o processo, ele fez uma série de críticas e indiretas,

questionando a minha capacidade, porque eu era mulher e negra”, recorda. No episódio, Ana Paula viu claramente como as mulheres eram – e, infelizmente, continuam sendo – tratadas por seus colegas: com machismo, preconceito, discriminação. Não era incomum que os advogados minimizassem esse tipo de ocorrência.

Foi o combustível para que a advogada vislumbrasse a urgente necessidade de disponibilizar atendimento exclusivo às mulheres negras. “Entendi que precisávamos de apoio, proteção, ser ouvidas, principalmente, para receber alguma resposta a nossos pleitos e demandas.” Ana Paula passou, então, do discurso à prática, colhendo referências de advogados dedicados a essas questões – e deu forma ao seu atendimento.

A aceitação feminina foi automática. “Hoje, entendendo melhor o que é machismo, o que é misoginia, as mulheres têm mais condições de se defender e, principalmente, de combater agressões. E, embora ainda haja resistência de uma faixa de mulheres que não quer perder o ‘status’ nem os benefícios financeiros de seus relacionamentos, já posso enxergar uma sensível mudança”, sinaliza, para frisar que Joinville é uma cidade plural: “Nada mais rico que a diversidade – é no diferente que crescemos. Mas temos muito a avançar, sobretudo, pensar nessa mulher, como parte de uma cidade industrial, transitando pelas ruas, em diferentes horários do dia e da noite. Pensar em creches e escolas alternativas para atender as crianças nos contraturnos. Temos muito a avançar para que as mulheres de Joinville possam usufruir da sensação plena de segurança, de respeito, pertencimento, acolhimento”.



## Um “jardim” para Joinville

**Maria Cristina Dias**

Tem algo que seja mais a “cara” de Joinville que a Rua das Palmeiras, que nos leva ao atual Museu Nacional da Imigração e Colonização? Idealizada como jardim da Maison Joinville, a Alameda Brüstlein, como oficialmente chamada, é um cartão-postal de Joinville – e nos lembra a Cidade das Flores do passado, que tanto desejamos para o futuro.

Aberta no final da década de 1860, a alameda tinha o objetivo de ser o acesso à Maison Joinville, a sede do Domínio Dona Francisca, onde morava e trabalhava Frédéric Brüstlein, o representante do Príncipe de Joinville e administrador de suas terras na região, que iam muito além da Colônia Dona Francisca. O casarão também tinha a proposta de ser um local apropriado para receber os príncipes de Joinville se um dia eles visitassem à cidade – o que nunca ocorreu.

A decisão de colocar duas fileiras de palmeiras reais na entrada do local, as majestosas palmeiras mater, não foi por acaso. Eram símbolo de majestade e poder. Plantadas por Dom João 6º no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, suas sementes e mudas eram compartilhadas somente com pessoas escolhidas, e sua presença em uma propriedade indicava o apreço da família real. Ou seja, nada mais indicado para a sede do “Domaine”, que, afinal, pertencia à neta de Dom João 6º, a princesa Dona Francisca, e a seu marido, o príncipe de Joinville.

Uma alameda com as imponentes palmeiras era um guia que conduzia imediatamente o olhar ao casarão, não deixando dúvidas sobre a importância do local. Assim, em 1866, antes mesmo da construção do casarão, Frederic Brüstlein aproveitou a viagem do amigo e diretor da colônia, Johann Louis Niemeyer ao Rio de Janeiro, e encomendou as sementes.

Na volta, elas foram cultivadas com esmero até estar no ponto adequado de replantio, que ocorreu no início da década de 1870. Conta-se

que, a princípio, elas não se desenvolveram satisfatoriamente, e, para resolver isso, Frédéric Brüstlein mandava vir diariamente água do mar, salgada, para regá-las. Pelo visto deu certo, pois elas estão aí até hoje.

Com o tempo, a cidade mudou, cresceu e a alameda perdeu quatro árvores, em suas extremidades. Duas para a abertura da Rua Rio Branco e outras duas para o alargamento da Rua do Príncipe. Ao longo de mais de mais de 150 anos, a rua já foi aberta ao tráfego de veículos, foi boulevard, e hoje é um passeio, uma rua de pedestres com trânsito somente local, pelas laterais.

Como todo ser vivo, as palmeiras também têm um tempo de vida e, ao longo dos anos, várias morreram e precisaram ser substituídas. Porém, mais de 30 das 56 palmeiras plantadas por Brüstlein chegaram ao século 21 e ainda hoje encantam os visitantes e, principalmente, os joinvilenses.

• Maria Cristina Dias, jornalista e escritora, é presidente da Academia Joinvilense de Letras

**DIRECON**  
CONTABILIDADE

28  
anos  
de excelência e  
confiabilidade em  
serviços contábeis

47 3422.8889      47 98804.5370      [www.direconsolucoescontabeis.com.br](http://www.direconsolucoescontabeis.com.br)

Rua Henrique Meyer, 280 • Edifício Helbor Offices - Salas 210 a 212 • Centro, Joinville



Fachada da Sociedade Harmonia Lyra, um dos maiores símbolos da cidade, com seu amor pelas artes

## O berço da cultura

### Rubens Herbst

Joinville tem muitas caras, distintas entre si, mas que juntas formam esta cidade multifacetada que consegue ser várias numa só. Um lugar, porém, consegue conjugar, em sua história, arte e arquitetura, aspectos das tantas “Joinvilles” que coexistem desde 1851: a Sociedade Harmonia Lyra, cuja trajetória centenária faz dela um dos nossos maiores símbolos.

Seus passos iniciais estão intimamente ligados aos primórdios da história local. Da Europa, os primeiros imigrantes trouxeram o amor pelas artes, algo que logo trataram de implantar aqui, até como forma de manter suas tradições e aplacar a dureza daqueles tempos. Assim, foi fundada a Harmonie-Gesellschaft em 31 de maio de 1858, uma entidade criada para fomentar teatro, dança, música e outros encontros sociais. Aliás, as primeiras reuniões aconteceram no comércio de Eduard Trinks, sobrenome importante nas artes joinvilenses, e depois passaram para outros salões emblemáticos da vida local. Até que, em 1930, foi inaugurado o prédio da Rua 15 de Novembro, cujo simbolismo vai além de sua beleza e imponência.

Neste mesmo prédio, estão literalmente impressas as marcas de um dos maiores artistas joinvilenses. Obras de Fritz Alt se espalham pelas paredes e no alto da fachada, onde mascarões e coroas de louros dão boas-vindas aos visitantes. Uma placa assinada por ele recepciona o público no hall de entrada. Detalhes arquitetônicos em relevo podem ser vistos aqui e acolá – incluindo o grande salão principal –, bem como aquarelas, esboços a lápis e um busto em gesso de Beethoven.

A Harmonia Lyra tem a cara de Joinville porque, ao longo destes 165 anos, é o principal espaço para eventos culturais e sociais. Recebeu uma in-

finidade de eventos de todo o tipo, desde shows, concertos, óperas e peças teatrais até os saudosos bailes de debutantes. Entidades como a Associação Empresarial de Joinville (Acij) e o Corpo de Bombeiros Voluntários começaram a ser delimitadas em seus salões.

Nunca é demais lembrar: foi na Lyra que o Festival de Dança deu seus passos iniciais, afinal, sediou, nos anos de 1930, a primeira escola de balé de Joinville, comandada pela professora Liselott Trinks. Em julho de 1983, a estreia do festival aconteceu na Lyra, que recebeu cerca de 600 bailarinos durante cinco dias de apresentações. Foi também a Lyra o primeiro espaço a receber a Festa das Flores – talvez o evento-símbolo da cidade, com 83 edições realizadas, que lá ficou de 1936 a 1958.

• Rubens Herbst é jornalista



Instituição lapida talentos como Bianca, violinista de 17 anos

## A música que transforma vidas

**Táisa Rodrigues**

São sete anos de atuação. Tempo suficiente para não só transformar a vida de crianças e jovens (e suas famílias), mas também para criar laços profundos de amizade, confiança e respeito. O Musicarium Academia Filarmônica Brasileira tem impactado o dia a dia de inúmeros estudantes, indo muito além do ensino. “O Musicarium é uma grande família: os alunos, os pais, os professores, os funcionários... Todos unidos por amor à causa. Além da preparação e do ensino com professores excelentes”, conta Bianca Rodrigues Soares, 17 anos, estudante do 3º ano do ensino médio e violinista na academia de música.

Bianca entrou com 13 anos no Musicarium. Na época, estava no oitavo ano da Escola Municipal Pedro Ivo Campos. Assim como ela, outros 180 alunos, sendo mais de 85% da rede pública de ensino, embarcaram nessa jornada em que estudam música orquestral com professores renomados do Brasil e de outros países. O centro de formação de orquestras – único no Brasil que recebe crianças a partir dos 4 anos de idade – oferece uma educação de excelência e humanista.

“Criar oportunidades para crianças e jovens desenvolverem suas habilidades musicais, para se tornarem profissionais de alta performance, com o objetivo de compor a Orquestra Filarmônica Musicarium, em 2030, será um grande legado para o país e uma referência internacional”, almeja Sergio Ogawa, diretor-presidente e maestro do Musicarium.

Os estudantes são bolsistas de diferentes pontos do estado. Com o passar dos anos, vão se aperfeiçoando, e hoje alguns já fazem parte de duas orquestras: a Kids (com crianças de 8 a 12 anos) e a Jovem Experimental (com

estudantes a partir de 13 anos). Com uma Orquestra Jovem composta por quase 80 alunos, parte desse grupo – como a Camerata Musicarium e o Conjunto de Percussão Musicarium – tem uma agenda intensa de apresentações, e uma das novidades é a primeira turnê internacional que ocorrerá neste ano na Suíça, Alemanha e França.

“A turnê é a realização de um sonho. O que mais nos anima é a oportunidade e a responsabilidade de representar o Musicarium, o nosso país, para o mundo. Também é preciso mudar a perspectiva dos estrangeiros em relação aos brasileiros quando se fala em música erudita. Aqui se faz música clássica de qualidade. Estou muito animada”, revela Bianca.

Assim como a violinista, outros jovens veem na música um estilo de vida, uma profissão, um futuro. “Esses talentos estão sendo lapidados. Pensamos muito neste círculo virtuoso, nesta economia criativa, de prepará-los, dar a oportunidade de estudarem fora e voltarem não só para a nossa futura Orquestra Filarmônica, mas também para ser professores dos próximos alunos que aqui chegarem”, completa Ogawa.

Nessa direção, as crianças e jovens recebem no Musicarium a formação musical para se tornarem músicos de alta performance e cidadãos de referência, aptos para contribuir com a transformação sociocultural do país.

A organização é mantida por meio de doações e patrocínios e segue captando recursos para construir a sua sede composta por uma academia de música e um concert hall. Qualquer pessoa ou empresa pode participar da construção desse legado.

• Saiba mais em [musicarium.org.br](http://musicarium.org.br)

• Táisa Rodrigues é jornalista



A chef mostra sua criação, uma mescla de chineque com panetone

## Sabor e tradição na mesa do café

**Catarina Rizzi Rosar**

Doce clássico trazido pelos alemães para Joinville, o chineque ganhou popularidade também em outras cidades catarinenses e no Paraná. Para muita gente, cafezinho não é nada sem a companhia do bom e tradicional chineque. Mas, afinal, o que é o tal chineque? Quem é de fora até estranha a palavra, já que em outras regiões é chamado de pão doce ou massinha, mas o sabor é inconfundível.

Chineque vem do alemão “schnecke”, que significa caracol. É uma referência ao formato enroladinho que o doce tem na Europa. Com massa de pão fofinha e doce e a típica cobertura de farofa, é facilmente encontrado em confeitarias de Joinville – e também da Alemanha. E isso posso falar por conta própria: ao visitar a Alemanha, tive contato com o tradicional e original “schnecke” produzido diretamente da fonte, nas confeitarias alemãs, e que realmente se assemelha ao que temos por aqui.

A principal diferença é o formato. Aqui trabalhamos com um formato mais alongado lembrando uma bisnaguinha, um pão doce superfofinho, enquanto lá se mantém o padrão que lembra um caracol.

Atenção, não confunda o clássico chineque com a cuca. Mesmo tendo características semelhantes, como a massa fermentada, a farofa e mui-

tas vezes o creme, o chineque é um pão mais alto e menos recheado que a cuca alemã.

O chineque é um doce que remonta a pelo menos 60 anos atrás, mantendo o sabor e o seu valor cultural na mesa dos joinvilenses, tradicionalmente consumido fresquinho com um cafezinho. Em 2022, inspirou a criação da “Chineque Fest”, um evento cultural que busca valorizar a cultura e a gastronomia joinvilense.

Claro que, como bons brasileiros criativos, uma massinha doce com farofa é incrível mas pode ser bem mais, não é mesmo? Não temos limites para criações e novos sabores. Linguíça Blumenau, cheddar e alho, creme de milho com goiabada e coco com maracujá são alguns sabores mais inusitados que foram oferecidos na “Chineque Fest”.

Vencedora de um dos episódios do programa “Que Seja Doce”, do canal GNT, professora universitária, especialista em fermentação natural, recebi, no ano passado, o desafio da Secretaria de Cultura de Joinville, em parceria com a Univille, de dar forma a um doce que os promotores batizaram de “chinequetone”.

Vocês provaram essa maravilha? O chinequetone esteve presente durante todo o evento do Natal de Joinville, edição 2023, sendo vendido na casinha do Papai Noel. A ideia foi juntar a tradição cultural de Joinville, o chineque, com a tradição natalina do panetone. São dois produtos com características peculiares: o panetone tem um sabor bem marcante e o chineque, a farofa e o creme.

Caso tenha perdido a chance de experimentar, a deliciosa criação volta no próximo Natal – claro, com novidades.

\* Catarina Rizzi Rosar, nutricionista e chef de cozinha, é professora de Confeitaria na Univille e de Gastronomia no Senac



Com sede de saber mais da vida, Marlete busca novos olhares

## Para além das sombras

**Albertina Camilo**

Aprendi, bem antes de acessar alguns estudos de Carl Gustav Jung, pai da psicologia analítica, que somos seres ambíguos. Luz e sombra. Amor e ódio. Guerra e paz. Após tantas sessões de arteterapia, caiu de vez a minha ficha: quanto mais tentamos esconder nossas sombras, mais elas nos encaram, tiram nossas máscaras, escancaram nossas miudezas e nos envergonham.

O que tudo isso tem a ver com a aniversariante Joinville? Apresento ao leitor um pouco da escritora Marlete Cardoso, que ousou olhar para uma das sombras da cidade mais populosa de Santa Catarina: as pessoas em situação de rua.

Professora por 25 anos, autora de quatro livros e com textos publicados em outros 26, integrante da Pastoral Diocesana Indigenista, casada há 35 anos, mãe de três homens, recém-vovó, curiosa por plantas e alimentos alternativos, mente inquieta, olhar atento, coração mole. Uma síntese de quem é Marlete. Caso ela tivesse seguido os passos desenhados pelo pai, que a tirou da escola aos dez anos porque “mulher não precisa estudar”, a menina mirradinha teria se encolhido.

Mas Marlete tinha sede de saber mais da vida, e deu continuidade aos estudos quando completou 18 anos. Fez supletivo e, já casada, cursou pedagogia. Foi parar nas séries iniciais, ensinar a magia das letras aos pequeninos. “É incrível quando eles dizem ‘entendi, professora!’. Alguma coisa se ilumina no cérebro dos alunos. Os olhos se arregalam, a criança sorri”, lembra Marlete sobre a sensação quando via que suas aulas estavam dando resultado.

A tristeza e até a revolta com a decisão unilateral do pai em interromper sua trajetória escolar no meio da infância não a fizeram desistir. Foram, ao contrário, importantes na construção da Marlete de hoje, pois a ensinaram a se colocar no lugar do outro, a entender que nem sempre as coisas saem conforme o planejado, a ser resiliente, a refazer caminhos. A não desistir dos sonhos.

E quando as pessoas em situação de rua passaram a ser visíveis para ela? “Sempre as olhava com pena, mas abri realmente meus olhos quando

conheci o senhor João Xavier, da Comunidade Eis-me Aqui, que, junto com mais de 300 voluntários, faz um trabalho incansável e corajoso em prol dos moradores em situação de rua de Joinville”, conta. “Eu me espantei com a estrutura de atendimento nesta comunidade.”

A menina ávida pela vida deu novamente as caras, e um pouco antes da pandemia a mulher entendeu que não bastava “ver” essas pessoas. Era preciso ouvi-las, contar da vida delas, para que outros também tirassem as traves de seus olhos. Em 2023, após muitas e muitas entrevistas, estava pronta a obra “Filhos do Caminho”, lançada na Feira do Livro.

Marlete sabe que mudar crenças enraizadas é tarefa das mais difíceis. Mas acredita que o livro pode contribuir para que o joinvilense passe a entender que moradores em situação de rua existem, sim, nesta cidade com fama de acolhedora, e que todos eles têm histórias.

“Há relatos emocionados de quem já superou e de quem ainda mendiga pão e cuidados. Tudo isso permeado por histórias simples, com o objetivo de refletir as virtudes humanas que somos diariamente convidados a trabalhar em nós. É uma humilde contribuição. Mas acredito que somos todos filhos deste longo caminho, em busca da realização cada vez mais completa do pensamento do Pai”, escreveu Marlete no prefácio do livro.

Um desafio a você, joinvilense. Quando uma dessas pessoas cruzar novamente o seu caminho, tente não sentir raiva ou nojo ou até medo. Procure enviar bons pensamentos. Lembre-se: aquele ser também já foi criança, já teve sonhos, é humano. Destroçado, mas ainda humano.

• Albertina Camilo é jornalista





# Univille comemora 59 anos de histórias com Joinville

*A única Universidade criada e com sede na maior cidade do Estado*

Ao completar 173 anos de fundação, Joinville tem sua história marcada pelo espírito cooperativo, colaborativo e empreendedor que levou a então Colônia Dona Francisca a se transformar em uma cidade pujante do ponto de vista econômico, cultural e social. A oferta, em 1965, do primeiro curso superior de Joinville e da Região Norte Catarinense é uma das inúmeras iniciativas da comunidade joinvilense e que marcam o início de uma relação com a Universidade da Região de Joinville. No dia 14 de março de 1965, aconteceu a primeira aula do Curso de Ciências Econômicas, que foi o embrião da Fundação Educacional da Região de Joinville e da Univille. Desde lá, a Universidade atua nestes 59 anos de história no ensino, na pesquisa, na extensão, na inovação e no empreendedorismo, contribuindo com o desenvolvimento econômico, social e ambiental de nossa região. E como a Universidade da Região de Joinville vislumbra o seu futuro em articulação com o futuro de Joinville e da comunidade regional?



**Professora Therezinha Maria Novais de Oliveira** – Vice-Reitora da Universidade da Região de Joinville (Univille)

Falar de como a Univille se prepara para o futuro após 59 anos de história, certamente, precisa levar muito em consideração um passado de sucesso como ponto de partida. O histórico da nossa instituição traz um lastro valioso que serve de base para o desenvolvimento de estratégias e ações futuras. Estamos sempre atentos aos fatores que contribuíram para os êxitos de nossas ações para olharmos para frente com bases consistentes, que têm dado a Univille um reconhecimento ímpar no que se refere, principalmente, ao papel de Universidade Comunitária, com qualidade de ensino, corpo docente de excelência, infraestrutura moderna, programas de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão bem-sucedidos, entre outros. Desta forma, a Univille olha para o futuro com segurança, estabelece metas e objetivos em seu Planejamento Estratégico alinhados aos seus valores e sua missão investindo, continuamente, nos seus profissionais, em novas tecnologias, parcerias estratégicas, programas de internacionalização e inovação.

O mundo está em constante evolução e a Univille está sempre atenta às mudanças e desafios que o futuro pode trazer, se preparando para as transformações. Para isso, a

Univille possui Fundos de Pesquisa, Extensão e Qualificação e uma Agência de Inovação e Transferência de Tecnologia que permite ampliação de investimentos em pesquisa e desenvolvimento para estar à frente das mudanças tecnológicas, econômicas e sociais que ocorrem em todo o mundo.

Outro ponto importante para a Univille é a atualização dos currículos dos cursos ofertados. Neste sentido estamos constantemente atentos às necessidades da sociedade e demandas do mercado de trabalho, com currículos que desenvolvem no nosso estudante o espírito crítico e criativo com disciplinas e projetos que contemplam temas atuais. É assim que iniciamos a preparação para para empreender, inovar, incluir e promover sustentabilidade, sempre conectados aos desafios do futuro.

Por fim, ressaltamos que a Univille, como uma Universidade Comunitária, está sempre aberta ao diálogo com a sociedade, empresas, governos e organizações não governamentais, entendendo que a troca de conhecimentos e a colaboração são essenciais para que ela esteja alinhada com as demandas sociais e que possa contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento das suas regiões de entorno. Com visão estratégica e ações relevantes para a sociedade, é assim que a Univille se vê contribuindo para a cidade num futuro próspero.



### **Professor Alexandre Cidral – Reitor da Universidade da Região de Joinville (Univille)**

Uma grande satisfação escrever sobre o futuro da nossa Joinville e da nossa Univille, sobretudo quando iniciamos as comemorações dos 60 anos com o Jubileu de Diamante do Ensino Superior em Joinville e Região. Nosso município vive um importante momento caracterizado pela diversificação da atividade econômica, notadamente a industrial e a de serviços, pelo crescimento e diversificação da população e pelos desafios típicos de uma cidade em transição de médio para grande porte, com efeitos nos demais municípios da região, já que Joinville é o maior centro urbano do Norte catarinense. Neste contexto, a Univille tem um importante papel em articulação com os demais atores sociais de Joinville e Região na superação dos desafios que vivemos como comunidade. O Planejamento Estratégico Institucional definiu a Visão para a Univille como: "Ser reconhecida nacionalmente como uma Universidade Comunitária, sustentável, inovadora, empreendedora, internacionalizada e de referência em ensino, pesquisa e extensão". A partir desta visão, nossas equipes trabalham em projetos estratégicos que levam em conta as capacidades e competências institucionais e os desafios contemporâneos de Joinville e Região. No Ensino, nossas ações visam estreitar nossa relação com a comunidade externa, proporcionando aos nossos estudantes uma formação profissional, científica e humanística que atenda as demandas do mundo do trabalho e da cidadania no século XXI. Atualmente contamos com 3 Colégios de educação básica, mais de 60 cursos de Graduação, diversos cursos de Extensão e Especialização, 7 Mestrados, 4 Doutorados. A perspectiva é contribuir para o acesso e sucesso educacional de mais pessoas, por meio da ampliação da oferta de serviços educacionais tanto na modalidade presencial como na modalidade EaD. Na pesquisa científica e tecnológica, nossos Mestrados e Doutorados, por meio de seus grupos de pesquisadores, trabalham com temas nas mais diversas áreas do conhecimento contribuindo para a compreensão científica de problemas complexos e com a proposição de soluções que possam ser aplicadas pela sociedade. A infraestrutura de pesquisa está sendo ampliada seja por meio de novos laboratórios seja por meio de novos equipamentos. Além

disso, a inserção dos pesquisadores da Univille em redes de cooperação internacional visa qualificar ainda mais as investigações que são realizadas com foco regional em áreas como Educação, Cultura, Saúde, Meio Ambiente, Design, Engenharia, Tecnologia entre outras. Na Extensão Universitária, ampliamos nossas ações de atendimento à população com a participação de estudantes e professores, contemplando uma maior articulação teórico-prática e valorizando as diversas formas de conhecimento para além do acadêmico. Anualmente as ações de extensão alcançam cerca de 300 mil pessoas na região e pretendemos ampliar este número por meio de parcerias com empresas, entidades governamentais e organizações sociais. Na Inovação e Empreendedorismo, por meio do Parque de Inovação de Joinville e Região - Inovapark, promovemos o desenvolvimento de empreendimentos de base tecnológica, de negócios e sociais, bem como a transferência de tecnologia para empresas, governos e organizações sociais, nos conectando com outros atores do Ecossistema de Inovação e Empreendedorismo regional. E para que a Universidade continue atuando em prol do desenvolvimento de Joinville, a Gestão Universitária vem se profissionalizando com o objetivo de desenvolver continuamente a capacidade de interlocução com os demais atores sociais; de leitura de cenários econômicos, sociais e ambientais e de desenvolvimento de atividades de Ensino, Pesquisa, Extensão, Inovação e Empreendedorismo que contribuam para a superação dos desafios enfrentados pelas comunidades de nossa região. Este é o compromisso de uma Universidade criada e mantida pela comunidade, que reforça e fortalece a nossa identidade comunitária. Uma Universidade em movimento e transformação, uma Universidade sintonizada com Futuros sustentáveis socioambientalmente, uma Universidade para a Vida!





Marisa e Helga (no alto) coordenam o projeto, que já passou por Joinville e Campo Alegre; acima, Luís Luckow

## CULTURA

# Uma viagem às raízes da gastronomia germânica

### Projeto joinvilense vai percorrer a cadeia produtiva de pratos criados em países como Alemanha, Áustria e Suíça

Quando os primeiros imigrantes alemães aportaram no Brasil – e lá se vão exatos 200 anos, a se completar em julho de 2024 –, trouxeram muito mais do que mão de obra para trabalhar nas lavouras e, mais tarde, impulsionar a urbanização e a industrialização. Nas colônias, sobressaía a forte tentativa de manutenção da língua e da cultura do país de origem, o que se configurou com a construção de escolas que seguiam à risca os moldes da educação alemã – como nota a antropóloga Mayra Poubel. Dos hábitos e costumes à arquitetura, são inúmeros os legados dos imigrantes, em particular no Sul do país. Uma herança notável está nas mesas. Se você aprecia iguarias à base de carne de porco e salsichões regadas a um caneco de cerveja, ou o imbatível marreco recheado, agradeça aos alemães.

Ao longo das décadas, o trajeto das receitas originais de pratos vindos da Alemanha e de outros países germânicos, como Áustria e Suíça, passaria por ajustes – até em função da oferta de insumos –, mas sem perder a autenticidade. “Fico contente em ver como as receitas se fixaram e se adaptaram a este país cheio de cor, sabor e aroma. Hoje, é fácil observar a técnica misturada com ingredientes brasileiros”, aponta o chef alemão Heiko Grabolle, consultor da Oktoberfest, de Blumenau. Mergulhar nesse saboroso universo é o eixo de um projeto nascido em Joinville, e que vai mapear a cadeia produtiva de nada menos que vinte pratos de raízes germânicas servidos em restaurantes de dez cidades catarinenses marcadas pela colonização alemã, austríaca ou suíça.

O primeiro passo é uma pesquisa de campo, com visitas a estabelecimentos dessas dez cidades e a produtores dos principais insumos de cada prato selecionado. O roteiro começou por Joinville e Campo Alegre, entre janeiro e fevereiro. No final deste mês, a equipe vai a Corupá. Depois, em março, segue a Jaraguá do Sul e Blumenau. Na sequência, Schroeder e Timbó (em abril), Brusque e Pomerode (em maio), encerrando a programação em São Pedro de Alcântara, na Grande Florianópolis, no início de junho. Toda a pesquisa será divulgada em um site próprio, um livro (impresso e digital) compilando histórias e curiosidades recolhidas entre os produtores e um documentário.

Quem lidera a ação é a Agência Cultural AqueleTrio, da produtora Marisa Toledo. É a estreia da agência na esfera da gastronomia – boa parte de sua expertise é voltada à área da música. Marisa está entusiasmada com a receptividade à iniciativa por parte dos restaurantes contemplados. Para ela, a maior contribuição do projeto será a entrega à sociedade de um rico material que poderá ajudar a dimensionar o alcance cultural, econômico e turístico dos pratos com origem



em países germânicos. Na coordenação executiva, a consultora Helga Tytlik. Ela explica que o foco é a chamada gastronomia criativa, que se define pela elaboração dos pratos ressaltando cores, sabores, aromas, e sua adaptação à disponibilidade de insumos no Brasil.

Dois requisitos para a composição do cardápio: receitas de origem germânica com pelo menos 30 anos e, preferencialmente, insumos fornecidos na própria cidade. De cada prato, foi escolhido um ingrediente para rastrear, realizando a pesquisa de campo que visa identificar onde, como e por quem é produzido. "Queremos ilustrar a movimentação econômica e o impacto social", resume Helga, lembrando que, naturalmente, um item comprado da agricultura familiar traz maiores benefícios locais do que se fosse em uma rede de hipermercados.

Já na fase anterior ao trabalho, os pesquisadores sentiram a necessidade desse tipo de registro ao constatar que muitas receitas originais vinham se perdendo, principalmente na parte que demanda atividade artesanal. "É comum a adaptação de temperos ou ingre-

dientes do país de origem, mas não podemos deixar esvanecer o processo original, a artesanaria que envolve saberes e fazeres, e preparos que passam de uma geração para outra se perpetuando", frisa.

Diretora da Garimpo Soluções, pioneira em economia criativa, a consultora Ana Carla Fonseca Reis foi convidada por Helga para se somar ao time do projeto. Ela salienta a relevância da gastronomia, com seu potencial para dinamizar cadeias econômicas e gerar impacto social quando trabalhada de forma inclusiva, "além de mover um sem-fim de reverberações de afetos". Chamou sua atenção a ênfase à "viagem" de receitas pelo tempo e entre continentes, "trazendo consigo sonhos, leituras de território e valores de comunhão ao redor de referências compartilhadas. Para mim, participar do projeto é um deleite, em todos os sentidos".

### Resgate cultural

Encantado com a gastronomia germânica desde uma viagem que fez com a mulher, pedalando por cidades da Alemanha e da Áustria, Luís Alberto Luckow abriu em 2020 o Restaurante Rheinkeller, anexo à tradicional Sociedade Lírica, em Joinville, em parceria com o dono de uma microcervejaria. "Os clientes vêm aqui em busca do resgate cultural que a experiência gastronômica proporciona, despertando as memórias afetivas de seus antepassados", assinala Luís, egresso da área industrial, pós-graduado em Engenharia da Produção.

Foi um prato de seu menu, o Bayerischer Leberkäse, que marcou a primeira escala do projeto cultural. O insumo principal do Leberkäse, ou "bolo de carne", é fornecido pelo Açougue Duvoisin e preparado artesanalmente pelo casal Leôncio e Iracema Duvoisin, fundadores do estabelecimento, hoje na quarta geração da família. "Ficamos gratos em apresentar esse prato, com ingredientes que envolvem muita dedicação e engajamento de pessoas que buscaram conhecimento e profissionalização na Alemanha", afirma o empreendedor. "Não se trata apenas de um alimento, mas de algo que nos satisfaz como verdadeira experiência cultural." ①

design **MANUAIS** COLABORAÇÃO CMYK simplicidade  
soluções gráficas **ISO 14001** arte EMBALAGENS  
CATÁLOGOS **27 ANOS** CONFIANÇA gestão  
gramatura tinta papel BULAS acabamento  
excelência **FSC IMPRESSORA** qualidade **ISO 9001**  
47 3025-6353 • 47 99190-7400 • comercial@graficavolpato.com.br



## O curvo traçado da memória

**Rubens da Cunha**

ESPECIAL PARA FRANCISCA

É o último dia de novembro de 2023. Ainda é primavera. Estou em trânsito em Recife e acabei de passar pela BR 101. Essa longa BR que pode me levar a Salvador, lugar onde vivo e, se eu for mais longe e mais antes, me leva também a Joinville, lugar de onde vim. Penso no curvo traçado dessa rodovia nacional para chegar ao curvo traçado de minha vivência em Joinville. Sou filho de agricultor e de uma professora e, tecnicamente, cresci numa comunidade rural em Araquari, ao lado da BR 101. Chegar a Joinville sempre foi mais fácil do que chegar à sede de Araquari, pois a “BR”, o “asfalto”, a “federal” era o caminho natural para quem não queria continuar na roça. Foi o meu caso. Aos 20 anos, faço o percurso de mais ou menos 20 quilômetros e me mudo definitivamente para a dita Manchester Catarinense (um desses epítetos que dataram terrivelmente). Vou ser mais um de seus operários. Aos poucos, o operário também se tornaria poeta.

Como em qualquer lugar, os que já são poetas fazem novos poetas nascerem, mas em Joinville havia um útero muito profícuo: o Grupo Zaragata. Reuniam-se, estudavam-se, divertiam-se, apresentavam-se nos palcos da cidade. Foi ali que nasci como poeta, foi naquelas reuniões nos sábados à tarde que entrei em contato com a cidade de forma mais aberta e mais dentro.

Alguns anos depois, alguns livros depois, eu era um dos artistas de Joinville, um de seus novos escritores. Fazia parte da saga para revitalizar e manter a Cidadela Antártica, fazia parte dos que ajudaram a nascer o Sistema Municipal de Desenvolvimento da Cultura (Simdec). Fiz parte da luta contínua dos trabalhadores da cultura para que ela, a cultura, se estabelecesse como algo pleno e não apenas um lustro, uma maquiagem nas

propagandas institucionais. Depois, cronista do jornal A Notícia, desenvolvi uma ligação ainda mais cotidiana com a cidade, seus meandros, seus meneios, suas vísceras. Enfim, foram tempos vastos, assim como foram vastas as Tertúlias no Museu de Arte, os encontros do Zaragata, as peças e exposições na Cidadela Antártica.

Até que, certo dia, a vida me levou a outras paragens. Primeiro Florianópolis, depois Salvador. Torno-me professor, vivencio outros lugares bem avessos àqueles que me formaram. Crio outras intimidades, outros amores, outros sotaques na minha escrita, no meu fazer artístico e profissional. Porém, a intimidade com um lugar não se desfaz assim, a intimidade fica entranhada naquilo que nos constitui: a memória mais profunda, mais sensorial, mais arraigada, a memória daquilo que nos dá chão, base, fundamento. Mesmo que Joinville tenha se tornado meu “vez em quando”, ainda transito pelo traçado curvo da BR 101, ainda sei a distância entre o Terminal Central e o MAJ, ainda percorro essas ruas com um olhar crônico, um olhar poético, sem saudosismos, sem comparações entre o que vivi e aquilo que vivem os que permanecem na cidade.

Muitas ruas mudaram de sentido, muitos prédios se ergueram e outros foram derrubados, muita gente saiu e outros vieram compor esse lugar. Algumas intimidades se perderam, outras permanecem, talvez a mais visível seja a certeza que é a luta renhida dos artistas, poetas, cantores, atores, dramaturgos, trabalhadores da cultura que mantêm Joinville sob alguma luminosidade.

Rubens da Cunha é poeta e professor da Universidade do Recôncavo da Bahia, doutor em Literatura pela UFSC, tem oito livros publicados



PRECISANDO DE  
**SÍNDICO?**

Aqui temos a  
sua solução.



MARCUS BOHN  
SÍNDICO PROFISSIONAL

Há 6 anos  
cuidando bem  
do que é seu

 47 988126271

 [marcusb.sindico](https://www.instagram.com/marcusb.sindico)

